

Projeto Fala Sério: uma experiência de educação sexual com adolescentes de escolas públicas de Betim.

Project Speech Seriously: an experience with adolescent sex education in public schools

Lisiane Pinto Gomes¹, Luiz Carlos Castello Branco Rena², Sandra Miramar de Andrade Pinheiro³.

¹ Acadêmica de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Rua do Rosário, 1081. Bairro Angola, CEP 32.630-000, Betim. Minas Gerais, Brasil. lisiane_pgomes@yahoo.com.br

² Departamento de Psicologia da PUC Minas- campus Betim. luizrena@oi.com.br

³ Departamento de Enfermagem da PUC Minas- campus Betim. sandra.miramar@yahoo.com.br

ABSTRACT: This article aims to analyze the difficulties and emotionall and social development of adolescent sexuality education in public schools in Betim. This process was possible through the operationalization of the Project Speech Seriously. It was observed that the students mentioned hardships, separations during the development of the workshops. We tried to identify nursing strategies to understand and address these issues. In the methodology we used fragments of the discourse of adolescents to demonstrate the difficulties highlighted and validate the analysis. The selection of the speeches met the criterion of interest in the study. The analysis shows that despite the challenges, nursing students have achieved the objectives proposed by the project, from the standpoint of liberating education-problematizing of Freire, striving for completeness and host throughout the process.

Keywords: sex education, adolescent, care, nursing.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar as dificuldades afetivas e sociais no desenvolvimento da educação sexual de adolescentes em escolas públicas municipais de Betim. Esse processo foi possível a partir da operacionalização do Projeto Fala Sério. Observou-se que os alunos mencionavam sofrimentos e indiferença durante o desenvolvimento das oficinas. Buscou-se identificar estratégias de enfermagem para compreender e enfrentar esses aspectos. Na metodologia, foram utilizados fragmentos do discurso dos adolescentes para demonstrar as dificuldades evidenciadas e validar a análise. A seleção dos discursos atendeu ao critério de interesse do estudo. As análises mostraram que, apesar dos desafios enfrentados, as acadêmicas de Enfermagem conseguiram alcançar os objetivos propostos pelo projeto, sob a ótica da educação libertadora-problematizadora de Freire, primando pela integralidade e acolhimento durante todo o processo.

Palavras-chave: educação sexual, adolescentes, cuidado, enfermagem.

INTRODUÇÃO

Considerando que a sexualidade humana abrange múltiplas dimensões do sujeito, nos aspectos biopsicossociais e político cultural, torna-se possível inferir que a educação sexual na adolescência é uma necessidade que permeia o ser humano, principalmente nesta fase da vida.

A adolescência é a fase de transição entre a infância e a idade adulta, marcada por transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais. É nesse período que ocorre o encontro de um núcleo de permanência e de estabilidade em si mesmo, denominado identidade e, sua busca por parte dos jovens pode produzir uma série de manifestações inquietantes, entre elas aquelas relacionadas ao exercício da sexualidade (PINTO, 1997, p.43).

Na tentativa de preencher esta necessidade de educação sexual, foi pensado o “Projeto Fala Sério: construindo estratégias de prevenção na escola”, o qual tem por objetivo fortalecer e ampliar as ações da escola pública no sentido de promover a saúde dos e das adolescentes, por meio da construção da consciência de auto-cuidado e cuidado do outro, construindo estratégias nos níveis do indivíduo e da comunidade, em parceria com o serviço de saúde local (RENA, 2006).

Ainda em relação à educação sexual, o Ministério da Educação, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) inclui a orientação sexual entre os temas transversais nas diversas áreas do conhecimento, com finalidade de impregnar toda a prática educativa com as questões da orientação sexual (BRASIL, 1997).

Este projeto envolveu acadêmicos de Psicologia e Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, campus Betim, contribuindo para a proposta curricular de formação de um enfermeiro, que seja:

Capaz de interagir na organização e produção multidisciplinares do trabalho em saúde considerando a complementaridade dos vários saberes e práticas profissionais; crítico e reflexivo, capaz de compreender a realidade sócio-econômica e política do país e de se instrumentalizar para a participação ativa no âmbito do planejamento, da produção e da oferta de ações de saúde; com capacidade de atuar no desenvolvimento de recursos humanos e nos processos educativos de grupos, nas diferentes fases do ciclo vital; capaz de assumir o cuidado como essência do ser enfermeiro e do fazer Enfermagem entendendo-o como ação multifacetada na qual se traduzem as dimensões técnica-assistencial, investigativa, administrativa e comunicativa da profissão; capaz de buscar e produzir conhecimentos para o desenvolvimento de sua prática profissional. (MINAS GERAIS, 2011).

O “Fala Sério” foi desenvolvido em escolas Municipais de Betim inseridas no “Programa Escola Da Gente”, instituído como política de educação em tempo integral da Prefeitura de Betim, que

se baseia na concepção de “cidade educadora” e visa ao atendimento de crianças e adolescentes em suas múltiplas dimensões (PREFEITURA DE BETIM, 2010).

Segundo o Programa:

... uma cidade que se quer educadora e uma sociedade que, conforme explicitado no ECA, quer garantir a integralidade do atendimento – exigem a conexão entre os diferentes setores governamentais e a participação das escolas, das instituições de ensino superior e das ONGs, para consolidar a Educação Integral. (PREFEITURA DE BETIM, 2010).

Assim, os encontros do “Fala Sério” nas Escolas Municipais Maria Mourici Granieri e Edir Terezinha A. Fagundes foram desenvolvidos, principalmente, por meio de oficinas e rodas de conversa, conduzidas pelas acadêmicas Lisiane Pinto Gomes, co-autora deste artigo e Gislene Eunice Madrona, em um grupo de 10 a 15 alunos, com idade entre 10 e 14 anos.

A partir da realização deste projeto, observou-se que os alunos apresentavam dificuldades nas relações afetivas, as quais obstaculizavam e retardavam o estabelecimento de vínculo com este grupo. Percebeu-se, ainda, que a maioria dos alunos tinha grandes responsabilidades em casa, incompatíveis à sua faixa etária, tais como, cuidar do irmão mais novo e ajudar nas despesas de casa. Este novo papel social assumido pelos adolescentes acontecia, muitas vezes, em razão dos desmembramentos familiares, da violência e da necessidade de sobrevivência. Por esses motivos, muitos alunos tiveram que abandonar o projeto.

O objetivo traçado foi o de analisar as dificuldades afetivas e sociais no desenvolvimento da educação sexual de adolescentes em escolas públicas municipais de Betim e discutir estratégias de Enfermagem para enfrentá-las.

Acredita-se que o construto teórico da Enfermagem, referenciado nas premissas da integralidade, compreendida como “prática educativa para a formação de sujeitos críticos-reflexivos, com competência para intervir e transformar a sociedade, de forma a intervir nas situações de desigualdades sociais para melhorar a qualidade de vida” (GUSSI, 2007, p. 6), se constitui como estratégias para lidar com as dificuldades afetivas e sociais, evidenciadas pelos adolescentes. Buscou-se promover a vivência de uma sexualidade saudável, evidenciada pelo respeito a si e ao outro, o que contribuiu para superação dos desafios apontados pelas acadêmicas.

A Enfermagem deve lançar mão, como afirma Machado (2007, p. 1), “da abordagem educacional, sob o enfoque da integralidade, (...) tendo o usuário como sujeito histórico, social e político, articulado ao seu contexto familiar, ao meio ambiente e à sociedade na qual se insere”.

CARACTERIZAÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA

As escolas nas quais o Projeto Fala Sério foi realizado localizam-se em bairros periféricos de Betim e oferecem o ensino fundamental. Estas escolas são inseridas no Programa Escola Da Gente, que tem por objetivo:

... fomentar a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, com ênfase em atividades sócio-educativas em consonância com o projeto político-pedagógico desenvolvido pela escola, ampliando tempos e espaços, elevando a qualidade da educação. (PREFEITURA DE BETIM, 2010).

Assim, oferece aos alunos uma educação integral que pressupõe uma mobilização e articulação das redes sociais, que se configura, dentre outros, em atividades esportivas, culturais e educacionais no contra turno escolar.

O Projeto Fala Sério, como atividade extensionista, constitui-se de uma parceria universidade-escola iniciada em 2009 através do diálogo entre o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Processos Sociais – NEPPSO e a Secretaria Municipal de Educação – SEMED - em torno das demandas de práticas de pesquisa e extensão. Desta forma, o desenvolvimento do mesmo acontece em dez escolas municipais de Betim, utilizando como critério de inclusão aquelas escolas do programa que apresentavam necessidades iminentes de educação sexual, bem como um número relevante de adolescentes no 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental.

O “Fala Sério” é desenvolvido dentro do Programa Escola Da Gente, por meio da metodologia de oficinas, que ocorrem duas ou três vezes por semana em cada escola.

...“oficina” é um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar sentir e agir. (AFONSO, 2000. p.9).

As oficinas foram elaboradas pelas acadêmicas a partir da escuta articulada ao contexto sociocultural - demanda do grupo. A supervisão docente oferecida por professores dos cursos de Enfermagem e Psicologia, no contexto da interlocução com as estudantes de outros períodos dos referidos cursos, possibilitou um rico espaço de discussão sobre as atividades desenvolvidas. A supervisão como espaço de diálogo sobre as estratégias educativas adotadas e os desafios que se

apresentavam-se configuraram como *locus* de reflexão crítica e de construção coletiva da experiência e vivência na interdisciplinaridade. No planejamento, procurava-se atender às dúvidas dos adolescentes, considerando a aceitação e apropriação da oficina pelo grupo.

O grupo é o contexto onde se pode reconstruir e criar significados, bem como revivenciar situações e relações traumáticas sob a luz das relações grupais. No grupo, é possível elaborar as experiências, através da troca de informações da produção de insight, da identificação, das reações em espelho e da rede transferencial. (RIBEIRO; FOULKES *apud* AFONSO, 2000, p. 19).

Na vivência grupal, utilizando como metodologia a oficina, pretendeu-se fortalecer e ampliar as ações da escola pública no sentido de promover a saúde dos adolescentes, por meio da construção da consciência de auto-cuidado e cuidado com o outro, promovendo estratégias nos níveis do indivíduo e da comunidade, em parceria com o serviço de saúde local (RENA, 2006).

Sob a ótica da educação libertadora-problematizadora de Freire, foram traçadas estratégias de uma educação sexual e reprodutiva para promoção da saúde e prevenção de agravos. Desenvolveu-se, então, uma educação transformadora, considerando as experiências que cada adolescente trazia do seu ambiente/meio, percebendo-o como sujeito histórico, cultural e capaz de fazer escolhas, transformar a sua vida e até a sociedade. Uma educação fundada na compreensão dos homens como "corpos conscientes" e na consciência como consciência intencionada ao mundo, como afirma Freire (1975).

Nas discussões, a partir do compartilhamento dos saberes entre os acadêmicos e adolescentes, buscou-se incitar a autonomia destes últimos, por meio do pensamento crítico e refletivo, pois, como defendia Paulo Freire, quanto mais o ser humano refletir de maneira crítica sobre a sua existência, mais poderá influenciar-se e tornar-se mais livre. Além disso, esta prática contribuiu para ampliação do conhecimento de todos os envolvidos, o que foi verificado pelas falas dos adolescentes, como se segue:

"Nossa, não sabia que na menstruação é assim. A minha avó disse que a mulher tem mais sangue que o homem, por isso que agente sangra" (JFM, feminino, 15 anos, E. M. Edir Terezinha A. Fagundes)

"Sempre achei que o nome fosse 'vargina'. Agora vou ensinar para minha mãe que é vagina". (GDA, feminino, 13 anos, E. M. Edir Terezinha A. Fagundes)

Os primeiros encontros nas oficinas foram destinados ao conhecimento do grupo, à história de cada um, suas expectativas para o futuro, objetivando uma aproximação com os adolescentes. A princípio, se mostraram desinteressados nas discussões, indiferentes à nova oficina e tímidos na

apresentação. Esta situação promoveu inquietação nas acadêmicas, pois o tema proposto, educação sexual, deveria ser alvo do interesse desta faixa etária.

O frágil vínculo com os adolescentes dificultava o aprofundamento das discussões e, conseqüentemente, na realização dos objetivos propostos pelo projeto.

A reflexão consciente, racional, desenvolvida no grupo, se articula com a emoção e os vínculos, com a experiência, e pode surtir efeitos de mudança. Mas, para que esta elaboração possa ocorrer precisa que o grupo seja constituído como uma rede de vínculos onde fenômenos de transferência psíquica estão presentes entre os membros. (AFONSO, 2000, p. 14).

Neste contexto, buscando dar seguimento à oficina, resolveu-se indagá-los sobre o receio de se envolverem com as atividades e também em manifestarem suas dúvidas. A seguir, destacam-se algumas das colocações feitas pelos adolescentes:

“Vocês vão contar para a diretora.” (AGS, feminino, 12 anos, E.M.Maria Mourici Granieri).

“A gente se apega a vocês e depois ‘eles’ tiram a oficina”. (HLM, masculino, 11 anos, E.M.Maria Mourici Granieri).

“A minha mãe disse que tenho que contar para ela tudo que eu faço aqui.” (CPV, 11 anos, E.M. Maria Mourici Granieri).

Diante destas situações, as estudantes extensionistas mobilizaram-se na elaboração de técnicas que motivassem a participação do grupo. Para isso, buscou-se analisar, a princípio, justificativas que sugerissem a razão do receio apresentado por estes adolescentes.

Compreende-se que o grau de entrosamento do grupo ou ainda, reflexos do momento vivido por eles, marcado por diferentes sentimentos - alegria ou tristeza, acolhimento ou discriminação – interferia no processo de realização das oficinas. A partir dos relatos de AGS, HLM, CPV, verifica-se uma dificuldade em estabelecer ligação com outras pessoas, principalmente adultas, sob a justificativa de desconfiança das suas reais intenções e por temer serem deixados pela oficina, bem como seus respectivos monitores, fato que já havia ocorrido.

Todo grupo, ao formular os seus objetivos, se propõe a uma mudança ou realização. Mas também apresenta um grau menor ou maior de resistência a essa mudança. Diante dela, evidencia os medos básicos de perda e de ataque, isto é, de um lado, o medo de perder o que já tem- inclusive a própria identidade- e que se relaciona a uma ansiedade depressiva e, de outro, o medo do desconhecido, que se liga a uma ansiedade paranóica ou persecutória. (BERSTEIN; PICHON-RIVIÉRE apud AFONSO 2000, p.21)

A instabilidade emocional apresentada pelos adolescentes refletia no desenvolvimento das oficinas, mas não invalidava sua colaboração no processo de aprendizagem. Uma estratégia de

superação às supostas dificuldades afetivas identificadas no grupo de adolescentes foi o desenvolvimento de discussões, dinâmicas e reflexões grupais, visto que:

... em grupo os adolescentes se sentem menos expostos às críticas do mundo adulto, têm a confiança e confiam mais nos valores de seus pares, atenuam sentimentos contraditórios e/ou negativos quando compartilham os mesmos problemas entre si e reasseguram a autoestima pela imagem que os outros lhes remetem. (ZIMERMAN, 2001, p. 26).

A utilização da ferramenta grupal para discussões e dinâmicas viabilizou o desenvolvimento do processo de educação sexual. Foi observado que este agrupamento acontecia segundo a identificação dos adolescentes, seja pelo objetivo, pelo “líder” ou características do grupo.

... identificação é o núcleo dos mecanismos psicobiológicos que formam a identidade grupal. Os membros do grupo se identificam com um líder ou com um ideal, assumindo-o como ideal de ego. Essa vinculação com o líder ou ideal é que permite que os membros do grupo passem a perceber ou adotar uma identidade entre si, uma identidade grupal. (FREUD; MARTINS apud AFONSO, 2000, p. 15).

Para que os adolescentes se sentissem acolhidos e respeitados em suas opiniões, foi pactuado pelo grupo o respeito à fala do outro, obedecendo ao momento de cada um. Segundo Ferreira (1975), acolher é dar acolhida, admitir, aceitar, dar ouvidos, dar crédito a, agasalhar, receber, atender, admitir. O Ministério da Saúde, discorrendo sobre o assunto, afirma que o acolhimento como ato ou efeito de acolher expressa, em suas várias definições, uma ação de aproximação, um “estar com” e um “estar perto de”, ou seja, uma atitude de inclusão.

As relações cultivadas pelo trabalho em grupo, com o tempo, foram “sinalizando a construção de vínculos pelos participantes, permeados pelo respeito à fala do outro, pela união e amizade compartilhada entre os membros e pelo sigilo em relação ao que era dito”. (CHAVES; FERREIRA; ELZA, 2010, p.169).

A condução das oficinas pelas acadêmicas de Enfermagem, como descrito acima, denota que se apropriaram do conhecimento, servindo-se de fontes de informação, utilizando o processo de escuta, sem emitir juízo de valor às manifestações dos adolescentes, incentivando e auxiliando na sistematização dos conteúdos e processos emergentes buscando a reflexão com o grupo, como descritos por Afonso (2000). Esta atuação, reflexo das discussões e pesquisas no processo de supervisão pelos professores, da vivência com os estudantes de diversos períodos de Enfermagem e Psicologia, contribuiu para o estabelecimento da interação dos participantes e para continuidade da oficina.

Outra dificuldade encontrada na realização do “Fala Sério” foi a evasão de adolescentes por assumirem responsabilidades familiares que inviabilizavam sua permanência no projeto. Muitos adolescentes tinham que cuidar da casa, do irmão mais novo e até contribuir com a renda familiar.

“Só venho no projeto segunda-feira e terça, porque nos outros dias tenho que vender salgado para minha avó”. (VMT, 14 anos, masculino, E.M. Edir Terezinha A. Fagundes).

“Eu gosto do projeto porque assim não preciso arrumar casa.” (MPD, 13 anos, feminino, E.M. Edir Terezinha A. Fagundes).

“Minha irmã tirou os meus sobrinhos da creche e eu que tenho que ‘olhar’”. (GRS, 13 anos, feminino, E.M. Edir Terezinha A. Fagundes).

Tais declarações denotam a freqüência oscilante dos adolescentes na oficina de educação sexual, o que causava uma preocupação por interromper a continuidade das discussões e raciocínio com este grupo. Quando eles retornavam, os grupos de colegas mais assíduos estavam em outra etapa, dificultando a intermediação pelas acadêmicas, entre os distintos grupos: os freqüentes e os faltosos.

Como medida de superação deste obstáculo, as extensionistas utilizaram de ferramentas que amenizassem a perda dos adolescentes faltosos, considerando que estes usufruíam menos que os outros, do processo de educação oferecido pelas oficinas do Projeto Fala Sério. Atentou-se para a necessidade de reestruturar os planejamentos, rever as discussões e refazer as dinâmicas, tendo como parceiros os outros alunos, a fim de estimular o compromisso com o outro, bem como garantir o direito à educação.

A atenção integral oferecida a todo o grupo, reconhecida nas práticas de educação e cuidados que valorizavam e respeitavam as demandas e necessidades dos sujeitos, a saber: fisiológicas, culturais, mentais e psicológicas, se configura como a principal ferramenta de intervenção pelas alunas de Enfermagem, nos desafios encontrados.

CONCLUSÕES

A realização deste trabalho possibilitou analisar as dificuldades enfrentadas no desenvolvimento da educação sexual com um grupo de adolescentes de escolas públicas municipais de Betim, à luz dos seus depoimentos. Foram apontados e analisados obstáculos afetivos e sociais do grupo e, em seguida, proposto estratégias de Enfermagem para enfrentá-las.

Observou-se que as dificuldades afetivas dizem respeito ao estabelecimento de vínculos pelos adolescentes, evidenciado pela indiferença, no princípio, à oficina, bem como suas propostas e discussões.

Outra dificuldade foi conviver com a inconstante frequência dos adolescentes, devido às responsabilidades com a renda familiar e obrigações em casa. Nesse sentido, as extensionistas criaram, juntamente com os outros alunos, mecanismos de reorganização das atividades já desenvolvidas, a fim de incluir os alunos assíduos, garantindo o direito à educação e informação.

As estratégias utilizadas pela enfermagem foram de acordo com as premissas da integralidade, que pressupõe perceber as necessidades individuais e coletivas, reconhecendo o aluno como ser biopsicossocial e espiritual.

Acredita-se que com as atividades oferecidas nas oficinas e a apresentação de condições favoráveis a um novo pensar, respeitando-se os diversos saberes, houve garantia da integralidade e desenvolvimento da educação libertadora idealizada por Freire.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia Miranda (org.). **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social; 2000. 151p.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília, 1997c.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Acolhimento nas Práticas de Produção de Saúde**. Brasília, 2006, p.6.

CHAVES, Adriana Braga; FERREIRA, Roberto Assis Melo, ELZA Machado de. A formação e o fortalecimento de vínculo emocional entre os adolescentes participantes de oficinas e prevenção da violência. Uma investigação a partir do Projeto Frutos do Morro. **Rev Med Minas Gerais**, 2010; 20(2): 164-172.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 27.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**. Ed. Afrontamento, Porto, 1975.

GUSSI, Maria A.; LIMA, Maria G.; TORREZ, Milta N.F. B. A integralidade e a enfermagem na competência coletiva do cuidar em saúde do cuidar em Saúde . In: **O 59º CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM**, 6, 2007. Brasília-DF Associação Brasileira de Enfermagem, 2007.

Disponível em < [http:// www.aben-df.com.br/CD/arquivos/tema_central_59_CBEn.pdf](http://www.aben-df.com.br/CD/arquivos/tema_central_59_CBEn.pdf)> Acesso em 21mai.2011.

MACHADO, M. F. A. S. et al. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS: uma revisão conceitual. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 335-342, 2007.

MINAS GERAIS. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Enfermagem**. Betim: PUC Minas. Disponível em: http://www.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/CUR_ARQ_PROJE_PEDAG20100414115905.pdf > Acesso em: 27 Mai. 2011.

PINTO, H. D. S. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. p. 43-51.

PREFEITURA DE BETIM. **Escola da Gente: Educação Integral**. 2010. Disponível em <http://www.betim.mg.gov.br/escoladagente/?page_id=2> Acesso em: 27 mai. 2011.

RENA, Luiz Carlos Castello Branco. Educação em saúde: construindo uma pedagogia do cuidado na escola pública. In: **I Congresso Internacional de Pedagogia Social**, 2006. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, disponível em www.proceedings.scielo.br/scielo. Acess on: 17 May. 2011.

ZIMERMAN D. A contribuição da dinâmica grupal na prevenção da violência na adolescência e nas comunidades. In: LEVISKY DW, organizador. **Adolescência E Violência: Ações Comunitárias na Prevenção “Conhecendo, Articulando, Integrando E Multiplicando”**. São Paulo: Casa do Psicólogo, Hebraica; 2001. p. 213-26.